

● OBSERVATÓRIO

ORDENAMENTO, MOBILIDADE E PERDAS DE ÁGUA



Apesar de ter evoluído ao longo dos anos são vários os problemas ambientais, económicos e sociais que a cidade do Funchal ainda tem por resolver

ANDREIA CORREIA
andreiac@dnoticias.pt

Nos últimos 20 anos a intempérie que marcou os madeirenses a 20 de Fevereiro de 2010 é apontada como um marco para as diversas alterações que ocorreram no Funchal, contudo apesar dos investimentos realizados são também “vários” os desafios e problemas que aguardam resolução. Na próxima segunda-feira, 21 de Agosto, assinala-se o Dia da Cidade do Funchal e, neste que é o 515º aniversário da capital madeirense, o Observatório foi tentar perceber a evolução da cidade,

os principais desafios e o que falta fazer/resolver.

Desta forma, o DIÁRIO falou com o investigador João Baptista, com o presidente da Delegação Regional da Madeira da Ordem dos Economistas, Paulo Pereira, com o professor universitário e investigador, Hélder Spínola e com a presidente da presidente da secção Regional da Madeira da Ordem dos Arquitectos, Susana Jesus.

Construção de habitação social e/ou arrendamento a preços acessíveis, combater a exclusão social, aprender a “contornar inteligente-

mente as loucuras monetárias do Banco Central Europeu”, a qualidade ambiental e a minimização dos efeitos das alterações climáticas são alguns desafios que a capital madeirense enfrenta actualmente. Hélder Spínola acredita que nos últimos 20 anos o Funchal “perdeu a oportunidade de evoluir e se adaptar ao século XXI”.

O tão falado ordenamento do território, apontado como um desafio e consequentemente um problema a resolver, é mencionado por João Baptista e Hélder Spínola, que observam que afecta a qualidade de vida e a segurança de

quem vive e visita a cidade. Também Susana Jesus identifica a mobilidade como um desafio, considerando que a cidade deve requalificar o seu parque urbano e edificações intercalando-as com uma mobilidade “eficaz e funcional”.

Já relativamente o que falta fazer/resolver destaca para a redução das perdas de água, a diminuição da produção de resíduos, o aumento da taxa de reciclagem, promoção da eficácia energética e, por fim, Paulo Pereira atenta que a cidade deve permitir que os cidadãos “explorem ao máximo os seus dons naturais”.

1 Que análise faz da evolução da cidade do Funchal nos últimos 20 anos?

2 Quais os principais desafios da cidade?

3 O que considera que falta fazer no Funchal?

JOÃO BAPTISTA - INVESTIGADOR, GEOBIOTEC, FCT, UNIVERSIDADE DE AVEIRO



1 A interpretação dos dados dos CENSOS, 2021, mostram que entre 2001 e 2021, o concelho e cidade do Funchal teve uma evolução em diversas áreas, como população, famílias, mobilidade, habitação, escolaridade e emprego. Não podemos esquecer que o concelho tem apenas 76,15 km² e um perímetro urbano de 34,4 km², e nele residem 105.795 habitantes, isto é, cerca de 42% da população da Região Autónoma da Madeira. As limitações físicas, as características da rede hidrográfica, geológicas e morfológicas do território, o desenvolvimento turístico e o preço dos terrenos, têm “obrigado” que a construção de habitação tenha lugar entre lombos, lombadas, achadas, rochinhas, quebradas, ribeiros e ribeiras, que chega a atingir a cota dos 800 metros, nos sítios dos Três Paus, Boliqueira e Barreira, na freguesia de Santo António.

A Aluvião de 20 de Fevereiro de 2010 foi responsável pela maior mudança que ocorreu no rosto da cidade e do concelho, em 515 anos da sua história, e representou um pequeno grito de alerta do nosso micro território às perturbações que foi submetido, para se manter em equilíbrio.

2 Entre os principais desafios destaco: i) Recuperação dos inúmeros imóveis degradados; ii) Construção de habitação social e/ou arrendamento a preços acessíveis; iii) Combate à exclusão social, pobreza e toxicodependência; iv) Educação para a cidadania e sustentabilidade ambiental; v) Macro e micro mobilidade, com uma forte aposta em sistemas de transportes não poluentes e percursos pedonais, sem barreiras arquitectónicas; vi) Continuação da substituição da rede de águas pluviais de forma a evitar as

elevadas perdas de água; vii) Elevados custos para a manutenção e operacionalidade das infraestruturas marítimas, face a artificialização da orla costeira e às alterações climáticas; viii) Planeamento e ordenamento do território e dos recursos (exploração de massas minerais, recuperação de antigas áreas de exploração abandonadas, estado da arte das lixeiras, dos vazadouros e dos aterros, entre outros); ix) Continuar na aposta de uma cidade “inteligente” com espaços inovadores de tecnologias da informação e comunicação, prestação de serviços, centros de partilha, inovação e captação de riqueza, com particular prioridade na atração de talentos de diferentes áreas do saber e do conhecimento.

3 Para “PÔR O FUNCHAL SEMPRE À FRENTE”, é necessário promover políticas sociais, culturais, económi-

cas e financeiras, que apoiem e incentivem os cidadãos, entre as quais sugiro: i) Recuperação e manutenção dos muros de pedra seca, dos poios e das levadas abandonadas; ii) Cultivo dos poios de forma a combater, a desertificação e perda dos solos, evitar as pragas e minimizar o risco de incêndio; iii) Continuar o trabalho de plantação de árvores e plantas endémicas ao longo das margens das ribeiras e nas zonas de montanha, como é o caso do bom exemplo do Parque Ecológico do Funchal; iv) Avaliação e monitorização das linhas de água, levadas, pedreiras, britadeiras, vazadouros, lixeiras e taludes que ladeiam os cursos superiores e médios das principais ribeiras que atravessam a cidade (acima e abaixo das estruturas de retenção de carga sólida – “açudes”), devido ao potencial risco dos escorregamentos barragem e efeito d’aluvião.